

# RIBALTAS E GAMBIARRAS

## REVISTA SEMANAL

REDACTORA  
GIOMAR TORREZÃO

1.ª SERIE

LISBOA, 19 DE MARÇO DE 1881

NUMERO 14

GERENTE  
HENRIQUE ZEFERINO

A redacção das RIBALTAS E GAMBIARRAS desejando tornar cada vez mais interessante e variada a leitura d'esta revista, correspondeendo assim ao extraordinario exuto que ella tem obtido no publico, vae brevemente começar a dar em folhetins a traducão do ultimo romance de George Sand, ALBINA, que principiou agora a ser publicado na NOUVELLE REVUE para o que obteve a indispensavel auctorisação da sua illustre redactora, madame Adam.

### CHRONICA ALEGRE

É difícil escrever uma chronica alegre em presença de tantos factos tristes.

Valha-nos a convicção de que não ha acontecimento triste que não tenha a sua fase alegre.

Recapitulemos os successos lamentaveis, ou por outra procedemos á operação de os escovar, de os desfumar... com alfazema e asucar e de os arejar na temperatura neutra da litteratura amena.

Lisboa que tem pelo *far niente* das raças orientaes, narcotisadas a opio, um excesso de parcialidade que mal se coaduna com a vivacidade nervosa da raça meridional, espertada pelo sol da Peninsula, resolveu em vista dos ultimos acontecimentos erguer-se do alto das suas sette collinas verdejantes, desviar por um momento os seus bellos pés de sultana amimada do Tejo de crystal que se dá ao amoroso fetichismo de oscular-lhos insistenteamente, segundo afirmam varios poetas, e fazer como a sua buliçosa visinha, a odalisca do Manzanares, o que ella em phrase concisa e pittoresca chama um *pronunciamiento*.

Cheia do heroísmo epico insuflado pelos jornaes baratos e convicta das circumstancias criticas apregoadas em phrases de um feito não inferior ao peso, Lisboa pôz um pé na rua, para a qual a impellia o fantasma da Revolução, (a quem, mesmo sem possuirmos o barrete phrygio e a lyra republicana de Angelina Vidal, concedemos n'este momento as honras de letra maiuscula) deixando, á cautela, outro pé em casa, onde o retinham a preocupação do codizo e as seduções do café.

Depois de discursar nos *meetings*, ou por outra de ouvir fallar quatro ou cinco oradores,—oposição,—e outros tantos oradores,—república,—Lisboa entendeu que o melhor que tinha a fazer em seguida á exaltação patriótica que lhe agitara o espirito, era servir ao estomago o jantar de que elle não podia prescindir nem mesmo em presença do verbo eloquente do sr. Magalhães Lima.

A população, agglomerada em massas compactas de 4:000, 5:000 e 6:000 pessoas, a mesma população que dera por occasião do Centenario o mais evidente e commovedor testemunho da brandida de um povo e da civilisação adiantada de um paiz, policiando-se a si propria, independente do militarismo ou da policia civil, que o governo tivera então o bom senso de retirar da circulação, começou a desfilar tranquillamente, pacificamente, substituindo os rewolvers, inventados pela *blague*, pelos chapéos de chuva exigidos pela insistencia da mesma, accendendo charutos em vez de accender escórvias e arregaçando as calças para fugir ao contacto da lama que alastrava as ruas em vez de arremangar-se para levantar barricadas.

No momento, porém, em que ella, a preguiçosa, descerá do alto das suas sette collinas, o exercito saira a marcha marche do recinto dos seus quartéis. Em presença das legiões que avançavam, disparando phrases e espalhando salpicos, empunhando chapéos abertos e trajando calças arregaçadas, fustigadas por uma surriada de grossos pingos d'agua, o militarismo, estimulado nos seus brios e amea-

cado pela approximação do *inimigo*, não podia deixar de ferir batalla.

Foi então que os descendentes de Viriatho cubriram de gloria as espadas legendarias assentando-as nos lombos dos patricios inertes, abrindo-lhes a cabeça e desmanchando-lhes os braços, perfetamente no exercicio auctoritario do seu poder indiscutivel de força armada, embora em transgressão absoluta com o direito que tem todo o cidadão pacifco a que lhe respeitem as suas costellas, muito mais depois de concorrer com os seus tostões para alimentar esses bellos animaes que o sovam.

Mas ah! que não sei de nojo como o conte, sobre tantas occurrencias dolorosas a chronica tem ainda de registrar outra catastrofhe não menos deplorable.

A Politica, essa personagem bifronte, eminentemente massadora e sufficientemente ambicioza, contentara-se até agora em figurar nos debates parlamentares, nos dialogos da Casa Havaneza e nas pausas do whist.

Os rapazes repelliam instinctivamente as suggestões da Aspasia venal; as raparigas odiavam-na e faziam-lhe esconjuros com as suas mãos finas e alvas. Nos reposteiro das salas onde scintila o dia logo espirituoso, effervescente e agri doce como o Champagne, os politicos liam a sentença fulminadora do inferno dantesco.

A ultima attitudine, porém, da politica portugueza, provocou entre varios infortunios que se impõem á nossa compaixão, uma desgraça que provoca as nossas lagrimas.

A Aspasia, que as senhoras portuguezas não tinham querido receber, não obstante a solicitude com que ella pedira para lhes ser apresentada, enviando-lhes varias cartas de recommendação e outros tantos bilhetes de visita, penetrou afinal nas salas de ss. ex.<sup>as</sup>, invadiu igualmente os seus aposentos familiares, apoderou-se da sua intimidade, conquistou as suas sympathias por forma tal que as elegantes senhoras da alta vida lisbonense, que até aqui fugiam horrorisadas ao deparar-se-lhe Dona Aspasia, vão hoje vél-a ao Parlamento, povoando as galerias e recheando as suas conversações de phrases allusivas.

É por isso que essas chaves de rhetorica: *as instituições ameaçam subverter-se, o paiz oscilla nos seus eixos, os manejos da oposição, as tricas governamentaes, etc.*, que até aqui só abriam e fechavam os artigos de fundo soporiferos, abrem hoje e fecham os *boudoirs*.

Esses farrapos da eloquencia tribunicia disputados á bico de pena pela eloquencia periodica, figuram actualmente, com uma fixidez implacavel, imprimindo-lhe um aspecto masculo *depaysé*, na conversa de todas as senhoras.

Não, mil vezes não!

Se acaso os srs. militares, porque afinal são elles os unicos progenitores d'essa filha espuria que se chama bernarda, depois de procederem á delicada operação de acutilarem nossos paes, na pessoa do povo, contribuem para inverter a isenção delicada com que a mulher até ao presente se mantinha estranha ao pugilato verbal e inglorio dos partidos, na pessoa de nossas mães e irmãs, nós, no exercicio da nossa auctoridade mental, retiramos a trova com que obsequiaramos os mesmos srs. militares trocando-a pela pranchada com que ss. ss.<sup>as</sup> obsequiaram os habitantes de Lisboa.

A ultima hora, a morte do czar Alezandre II, o libertador do *moujik*, affirmando o triumpho exercendo do nihilismo, equivaleu para este cantinho do Occidente a uma verdadeira derrota artistica.

A impressão dolorosa proveniente d'esse assassinato canibalesco, realizado na pessoa de um velho defendido pela aureola dos cabellos brancos,—essa realeza sagrada que a Ásia, isto é a barbarie relativa, respeita e ama, e que a Europa, a civilisação adiantada,

cobre de balas e de tropos attentatorios—junta-se o logro resultante da partida subita de Rubinstein, o pianista maravilhoso, que assombrou o dilettantismo lisbonense, a unica vez em que lhe foi dado ouvir-l-o, e que a Russia, para não desmentir o seu regimen tyannico, acaba de roubar-nos despoticamente.

G. T.

## QUESTÃO LITTERARIA

Na nota final do segundo volume da *Historia de Portugal* do sr. Oliveira Martins, depara-se-nos uma referencia ao sr. Camillo Castello Branco com respeito aos subsídios importantíssimos prestados pelo grande romancista ao trabalho de reconstrução historica e ethnica do illustre escriptor. Transcrevemol-a, com a devida vena, trazendo assim à luz da verdade um depoimento insuspeito.

### A HISTORIA DE PORTUGAL E OS CRITICOS

Ao sr. Camillo Castello Branco (*Bibliogr. port. e estrag.*, n.º 1, II anno) não fez a *HISTORIA DE PORTUGAL* essa impressão. O illustre romancista, tão sabedor dos casos typicos da nossa historia, tão lido nas velhas chronicas e nas revelações dos livros raros ou tidos por sem valor, mais do que ninguem podia avaliar a exactidão com que enumerei os casos abundantes d'onde se podia tirar uma historia dos costumes e pensamentos, dos caracteres da nossa gente. O sr. Camillo Castello Branco, aplaudindo o livro e concordando na mancira de apreciar e collocar os traços dispersos com que era necessário construir os quadros e as figuras, não deixou de notar mais de um erro, mais de um lapso; e a pontualidade com que adoptei as suas emendas, é a melhor prova que eu posso dar do meu cordeal agradecimento. Não pararam, contudo, aqui os obsequios que me dispensou; e se o leitor tiver a paciencia de cotejar os textos da 1.<sup>a</sup> e da 2.<sup>a</sup> edição vera, além das emendas, anecdotas e traços novos: são os que eu pude colher em obras preciosas e raras que da sua riquissima libraria me prestou o sr. Castello Branco. Acima de todas ponho uma collecção *mss.* de sentenças da Inquisição e outros documentos para a historia do mysticismo portuguez — que deviam estar impressos.

«Nem tudo foi porém aplauso no parecer do sr. Camillo Castello Branco, que não pôde esconder um certo fraco' pelos jesuitas. Não fôram elles, foi Camões, quem excitou os ardores de D. Sebastião: eu acho que fôram ambos. A educação jesuita influiu pouquissimo no espirito ignorante da nobreza, diz-me. Seria assim, ainda que não parece; mas influiu muitissimo na instrucção do povo, o que vale mais, e na direcção moral de toda a gente,— e isto é o essencial quando se trata de educação; porque esta palavra não inclue apenas o que se aprende nos livros, abrange o ensino do pulpito, do confessionario, da alcova. — Os jesuitas, diz por fim o sr. Castello Branco, não tem que ver com a corrupção da India: e eu louvo-me no dizer do *Soldado pratico*, onde Couto affirma como elles sabiam defender casuistica, probabilistamente, as *peitas* com que se compravam governadores e juizes.

OLIVEIRA MARTINS.

### Camillo Castello Branco e a «Corja»

#### III

Dolorosamente me fere nos calcanhares, ambos vulneraveis, o meu Conceição perdido. Mais feliz do que a vítima de Páris, não morro, — ah! soegue Conceição — o bréjeiro — nem mato. A «avalanche da critica» não o esmagará d'esta vez nos Alpes desolados. Podem morrer as camurças e outros quadrupedes de bojo; o perseguido salva-se. Oh! que os insectos me perdõem as interjeições solenes e as referencias ao seu fétido finalmente sobrepujado pelo de Conceição bréjeiro e aggressivo!...

Eu não me considero, nas argucias da polemica nacional um perfeito Conceição — modo de dizer um calouro deploravelmente desastrado: todavia, aceitem-me a declaração solemne os especta-

dores ávidos de sensações: — reconheço pela primeira vez a existencia d'uma situação falsa: — ha um moribundo que me insulta.

Eu resumo:

Ha quatro ou cinco mezes publiquei um livro — *Realismos*. Enviei o livro ao sr. A. da Conceição, como a um antigo confrade affectuoso. S. ex.<sup>a</sup>, agracendendo a offerta, accusou-me de *uma acção má*: — assim classificava o meu trabalho. Não respondi. Decorrem tres ou quatro mezes, e Camillo Castello Branco publica a sua *Corja*; o sr. A. da Conceição escreve no *Seculo* um artigo recheado de cortezias que o grande escriptor resume nas seguintes linhas enviadas ao sr. Julio de Mattos:

«Como calumnia, a afirmativa de que eu ridicularisava os romancistas portuguezes que fazem realismo;

«como affronta, a especulação mercantil com a ignorancia do publico;

«como insinuação vil o diagnostico de um deplorável phenomeno pathologico no meu cerebro.»

Pareceu-me chegado o ensejo de accudir pelos meus *Realismos* — «a acção má» condemnada pelo sr. A. da Conceição. N'um livrilo *Do Realismo na Arte* (3.<sup>a</sup> edição, pag. 54-56) sahi pela defesa do meu trabalho. A esse tempo, já Camillo Castello Branco empolgara o critico, já lhe esfregara o crâneo e já as larachas escorriam originalmente do penedo ferido por Moisés. Então, o penedo... digo o critico... quero dizer o persevejo... ou, melhor, o sr. Conceição declarava no *Seculo* que os meus *Realismos* eram um trabalho de lucidez e consciencia e que as minhas ideias eram as suas; que é fóra o primeiro soldado da nova milicia a romper o fogo — e outras doçuras que José Gregorio não sonhou para a sua vitrine incomparável.

A bréjeirada era forte, — se o não era a covardia litteraria. Eu ia corrigir o descaro quando o sr. A. da Conceição me escreve (em 22 de fevereiro):

«Que as suas palavras do *Seculo* (de 19 do corrente) importavam a declaração de que «se enganára ao classificar de *má acção litteraria* o meu livro *Realismos*.»

Decorrem duas semanas.

O sr. A. da Conceição accusa-me de incoherente quando affirme veneração por Camillo Castello Branco: — *não perturbemos o sr. Silva Pinto no extasi contricto com que se está babando diante do grande genio.*

Crê que o grande escriptor e eu nos aggrediremos como outr'ora e diz: — «Quando voltarei a unhar-se e a descompôr-se avisem, que queremos comprar um lugar do sol para os desfrutar.»

Accusa-me de citar menos correctamente as suas palavras: «está citando menos correctamente phrases das duas ultimas cartas que lhe dirigimos. Publique essas duas cartas na integra e depois discuta-as à sua vontade, já que está com tanto appetite de assoalhar a sua pessoinha n'esta desgraçada questão. É-nos hoje muito indiferente a seriedade critica de s. ex.<sup>a</sup>. Não espere que o discutamos. Nós vamos andando e cantarolando aquelle verso do Dante:

*Non ragionare di loro... etc.*»

Mais não diz e eu hesito...

Concebe-se a hesitação. Durante largos annos considerei esse homem um modelo de sisudez, uma intelligencia forte — duplamente forte pela serenidade e pelo estudo. Ali está o homem d'hoje...

Diz que me estou babando diante do grande genio. Eu lhe digo: se algum dos escriptos da actual contendia me provocou escorrencias foi esse que ha de servir de epitaphio ao sr. A. da Conceição: foi esse artigo latrinario que prometia um gallego facinoroso como appendice às gallegadas da ignorancia desmascarada e perdida. Escorrencias houve, pôde crê-lo. Baba não lhe affirmo que fosse. O sr. Conceição penetra o que terá sido. Cheire o seu indigo artigo... *Abyssus abyssum...* Está o sr. Conceição percebendo. Exulta com um spectaculo provavel: o de nos *unharmos* Camillo Castello Branco e eu. Não creia tal, nem denomine incorrectamente (como diz) os factos de outr'ora. Eu não briguei com Camillo Castello Branco. — Agredi o grande escriptor, a inspirações

que teem facil cabida em espiritos de vinte annos, e o mestre agredido corrigiu-me como agora o fez ao sr. A. da Conceição. Ha uma diferença nos nossos casos: eu tinha vinte annos; estudei, aprendi, tenho a consciencia do erro e a coragem de confessal-o. O sr. Conceição commette erros iguaes aos 40 annos da sua idade. Creio que não fará como eu: não se arrependerá! Aos 40 annos é tarde para tomar juizo...

Espera o curioso espectaculo para disfructal-o. Já viram um desgraçado assim? Anda este pobre homem (ha tres mezes, creio eu) aos tombos, a alimentar de riso velhaco uns amigos desavergonhados que lhe louvam publicamente as desgraças e que lh'as censuram, em *cavaco*, verbalmente; larga em vomitos de injurias os restos do catalogo scientifico para admiração dos quatro parvos fieis que sabem da pôda como eu sei de veterinaria: e, afinal, falan-nos de spectaculos desfructados! É bico retorcido, ou cabeça romba ?!

Diz que lhe cito menos correctamente as cartas e pede-me que as transcreva. Eu lhe fallo: a primeira carta— aquella em que denominava *acção má* os *Realismos* é inutil reproduzil-a, porque, tendo eu alludido ao seu conteúdo (veja *Do Realismo na Arte*, pag. 54), o sr. A. da Conceição annotou na 2.<sup>a</sup> carta as allusões, reconhecendo implicitamente a verdade d'ellas. *Todavia, se insistir, hei de transcrevel-a.*

Pelo que toca á segunda carta, como o sr. Conceição responde com uma insinuação de *falsario* á delicadesa com que, *em minha defesa*, me referi apenas a duas phrases d'ella e como s. ex.<sup>a</sup> me empraza a publicala, abi a tem:

*Meu amigo*

Acabo de receber o elegante volume da 3.<sup>a</sup> edição do seu bello folheto do *Realismo na arte*, e dou parabens á sorte que permitiu que o apparecimento d'este folheto fosse posterior de alguns dias ao meu ultimo artigo do *Seculo*, na polemica violenta que trago empenhada com o Camillo a propósito da *Corja*. N'este artigo terá visto o Silva Pinto que eu, rectificando voluntaria e espontaneamente a opinião precipitada que formara ao acabar de ler o seu livro dos *Realismos*, supondo-o inspirado nas mesmas intenções reveladas pelo Camillo na publicação dos seus ultimos dois romances, faço inteira justiça á sua comprehensão de critico e á sua probidade de escriptor.

A minha resposta pois á ultima parte d'este seu folheto está dada antecipadamente e recebe d'esta mesma circunstancia toda a auctoridade d'uma declaração, que não pode ser suspeita.

Você tem uma grande admiração pelo talento do Camillo, e não serei eu que lhe queira mal por isso, pois que por diversas vezes eu mesmo dei publico testemunho de iguaes sentimentos. Na minha pequena critica á *Corja* estava hem explicito esse sentimento de respeito e de veneração pelo auctor de tantos livros que hão-de ficar. Esta superioridade porem não livra o Camillo de ser um polemista grosseiro e brutal, e eu é que não estou disposto a deixar-me esmagar pelo peso do idolo. Ando porem muito emburrado com tudo isto, por que me desagradam totalmente estes processos indigenas de polemica litteraria. Competiu-lhe a elle porem como aggredido escolher as armas e não me é lícito contestar-lhe esse direito. Escolheu o cacete, terá o cacete.

Creia-me

Figueira, 22 de fevereiro de 1881.

*Seu amigo*

*Alexandre da Conceição.*

Depois d'isto, queira s. ex.<sup>a</sup> permittir que eu faça minhas as ultimas palavras do seu ultimo artigo e que as dirija aos quatro parvos fieis:

«Ao barulho da contendia sahiram á rua uns fraudiqueiros da litteratura e aproveitam o calor da refrega para me morderem os calcanhares com os seus pequeninos dentes empeçonhados na raiva da propria obscenidade. Nós previramos o perigo e tinhamos por isso sabido para o campo com as nossas botas mais grossas, de duas solas, com que, no exercicio da nossa profissão, temos pisado muita

lagartixa e esmagado com nojo outras alimarias mais inoffensivas do que estes idiotas d'um certo jornalismo, que como o burro da fabula, se persuadem que são gente pelo facto de trazerem encavalgado nos lombos o idolo da propria estupidez.

«Ficam desde este momento liquidadas todas as minhas contas com essa canzoada ignobil. Aqui lhes deixo um bolo de strichmina para cada um. Não se desavenham na partilha.»

Depois d'isto, finalmente, acho — sim, eu acho — que é tempo de recolher aos penates *por hoje* a minha «pessoinha». O sr. Alexandre da Conceição garante-me a sua abstenção despresadora e é o que vale á minha timidez: *elle cala-se* e eu grito. *Elle*, desde que eu repelli as suas louvaminhas requestadas e fedorentas, declara que «*elle* é indiferente a seriedade da minha critica.» Julgava-me um indigno porque eu renegara os velhos insultos a Camillo, mas escrevia-me cartas sedutoras que resvalam, n'este cruel momento psychologico ao monturo do seu desprezo. Ah! pobre homem! não me despreze: que não vá a mascarada resvalar a seu turno a um geral cair de mascaras... Eu esqueço,— não lhe digo que perdão; — eu adio o ajuste de contas para o dia em que elle não importe dolorosa quebra de auctoridade nas primeiras filas dos nossos corregionarios. Bem vê que tenho o sangue frio que ajuiza, a serenidade que espera, a força que reconhece os excessos de loucura, e que não perco de vista a grandeza d'uma causa quando aos pés me espadana o lamaçal dos ultrajes, em perigos provocaçao...

Nas luctas parlamentares da França, ha quatro annos, Paulo de Cassagnac dizia a um pobre diabo insultador: — «Deploravel ideia a sua, senhor: matar Cassagnac! Tantos a nutriram até hoje... mas, posso garantir-lh'o: não é o senhor quem me mata.»

Ah! não foi o sr. A. da Conceição quem matou Cassagnac! Não, bom homem! não o matas, e, da investida feroz, até eu sobrevivo! Assim me não mate o rizo!...

SILVA PINTO.

NOTA.—Ao sr. Magalhães Lima, redactor principal do *Seculo*, (vid. o cabeçalho) enviei ha tres dias a *declaração* que n'aquella folha, hontem, se publicou. Ao meu amigo Magalhães Lima, que publicava as injurias do sr. Alexandre contra mim, cumpria publicar sem delongas a declaração. S. ex.<sup>a</sup> demorou a publicação, alegando á ultima hora — «que ignorava absolutamente que fosse com o intuito de publicar-se.» Ora, a declaração rezava assim:

«Magalhães Lima.—Pego-lhe o favor de publicar no *Seculo* a *declaração* de que no proximo numero das *Ribaltas e Gambiaras* (amanhã 20) responderei ao sr. Alexandre da Conceição.

«Seu

«Silva Pinto.»

Tendo sido, *afinal*, comprehendido que a declaração era *para publicar*, apareceu ella hontem no *Seculo*, com a epigraphe — *Pedido*.

No momento em que as minhas relações sociaes e particulares com o sr. Magalhães Lima se dasatam pela segunda e ultima vez, eu quero dizer a este collega — que é pena ver uma causa tão grande e luminosa servida por tão pequenas almas como a sua.

E nada mais.

S. P.

## ATRAVEZ DO BINOCULO

### Circo Price

Agradar unanimemente ao numeroso publico que enchia o Circo, obter mesmo uma ovação, depois da fadiga que esse publico ha de experimentar naturalmente em presença de tantas maravilhas que successivamente, e ás vezes simultaneamente, disputam a sua attenção, é o maximo triumpho a que podiam aspirar os artistas distin-

císsimos que trabalham actualmente no Circo, sob a direcção técnica de Henry Whittoyne.

A companhia é pequena, dispõe apenas de um limitado numero de figuras, percebe-se que é uma *troupe* de transição, reunida por incidente, organisada para correr terras, mas em compensação cada um d'esses maravilhosos acrobatas, d'esses habilissimos gymnastas vale por dez!

É preciso ver o *triple trapezio*, executado a toda a altura do Circo por tres acrobatas, tres crianças, para ter ideia do que pôde o arrojo alliado á arte.

Está longe de ser para nós, e suppomos que para toda a gente, aquelle o ideal da mulher, mas quando a mulher chega por um trabalho previo de deslocação, de agilidade de gymnastica e de pericia aquelle ideal de coragem e audacia, toda a nossa admiração é pequena e todos os nossos aplausos serão poucos.

Merece igualmente menção especial a *barra horizontal* pelos irmãos Gillenos, dois clowns cuja pantomima expressiva e engracadiSSima vale mil vezes mais do que a loquela semsabor do Tony Grice e cujos exercícios vertiginosos e perfeitissimos excedem o mérito da maioria dos artistas da companhia Diaz que ahi esteve ultimamente, muito mais importante como quantidade do que como qualidade.

A *barra fixa* e o *volteio aereo* são dois exercícios igualmente admiraveis em que os homens e as mulheres realizam por vezes prodigios de agilidade, equilibrando-se sobre uma corda, a grande altura, pairando no espaço, fendendo-o em voos e dando saltos mortaes verdadeiramente assombrosos.

O can-can final, um estapafurdo can-can de uma excentricidade inarrável, provoca sempre uma vozaria infrene por parte dos amadores.

Se não receiassemos as iras brazileiras, que segundo consta e o sr. Bordallo comprova, não são inteiramente inoffensivas, pediríamos ao excellente Whittoyne, a quem o publico de Lisboa deve entre outras cousas apreciaveis a de lhe facultar ensejo de admirar os artistas hungaros, notabilissimos a todos os respeitos, que reforçasse a *troupe* com mais algumas figuras e que renunciasse ao Pará, na certeza de que não lhe faltariam nem enchentes nem aplausos.

## BIBLIOGRAPHIA

Temos recebido além dos jornaes de que démos conta ultimamente, os seguintes: *Díario Civilizador*, *Camões* e *Rubeca do Diabo*. Do *Jornal de Domingo* recebemos unicamente o 1.<sup>º</sup> numero e da *Revista do Norte* apenas tres ou quatro.

\*  
\* \*

O Brazil que caminha a par das nações mais adiantadas, tem tambem um jornal redigido por senhoras. Acaba de ver a luz da publicidade o 1.<sup>º</sup> numero da *Mulher*, dirigido pelas sr.<sup>as</sup> D. Josepha de Oliveira e D. Generosa Estrella. Esta senhora é formada em medicina pela escola de Philadelphia. O novo jornal propõe-se advargar a *emancipação da mulher*.

\*  
\* \*

Distribuiu-se o n.<sup>º</sup> 54 da *Moda Illustrada*, publicação interessissima editada pelo sr. David Corazzi.

## LIVROS NOVOS

Do primoroso livro, *Memorias de Castilho*, por Julio de Castilho, um estudo biographico importantissimo, onde por entre a linguagem tersa do critico ilustrado vislumbra a cada passo a commoção sentidissima do filho, arrancamos o capítulo xxviii, de um grande interesse historico e litterario. Este livro que representa a homenagem de um escriptor a outro escriptor, é tambem um monumento erguido pela piedade filial, acrysolada no exercicio da caridade, visto que o producto da obra reverte a beneficio da Escola Castilho, fundada em memoria do grande poeta e traductor exímio, Antonio Feliciano de Castilho.

Conjecturo que teria sido d'esse varão (ou talvez d'antes) o principio das relações amigaveis e respeitosissimas, que ligaram Castilho á insigne poetisa d'aquelle tempo, a sr. D. Francisca de Paula Possollo.

Foi a sr.<sup>a</sup> D. Francisca Possollo (*Francilia, pastora do Tejo*, era á moda do tempo, o seu nome arcadico) uma alma vibrante d'aquelas em quem dão echo os acontecimentos grandes do mundo exterior; espírito verdadeiramente alto, activo, ousado, irrequieto; coração poeticó e bom, cheio de lagrimas para todos os infortunios, e de entusiasmo para todos os rasgos nobres. Quem ella foi, o que ella valeu, o que ella padeceu e amou, já o bosquejou na sua prosa corinthia o nosso poeta, seu sincero apreciador.<sup>1</sup> O primeiro vestigio impresso das relações do joven estudante com a poetisa, então em viço de annos, e no esplendor da sua reputação litteraria, encontra-se em 1822 na primeira edição da *Primavera*.<sup>2</sup> Ahi diz o auctor, fallando das mães a ammamentarem os filhos :

Eil-as co'o proprio leite a sustental-os:  
taes como descreveu nos magos versos  
Francilia, musa do meu patrio rio,  
a doce amiga sustentando o filho,  
«igual a Venus com Amor nos braços.»<sup>3</sup>

Anteriores porém a essa citação do nome de Francilia, possuo versos ineditos datados de 13 de dezembro de 1821, onde o nome d'ella é memorado com muito carinho e saudade. Achava-se o auctor em Coimbra; trazia em meio talvez a continuacão das *Cartas de Echo e Narciso*, cuja primeira parte (nove epistolás) acabavam, como vimos, de sair a lume, e todos o instavam pela segunda parte. Chegara havia pouco de Lisboa, onde tivera a fortuna de assistir como espectador obscuro, mas nunca indiferente, ás ruidosas manifestações liberaes que bosquejei.

Quer fossem as asperidades do inverno que entrara n'esse anno desabrido, quer fossem algumas das causas sem nome que tanta vez agitam estas nervosas creaturas incomprehensiveis que se chamam os poetas, o caso é que se sentia triste, melancolico, saudoso dos passatempos de Lisboa, do theatro francez que então havia no Salitre,<sup>4</sup> e dos serões litterarios a que assistira em casa de Francilia; em summa: com a nostalgia dos versos, que é a mais dolosa das nostalgias. Como desabafo escreveu a Francilia uma sentida epistola, que posso inedita, e que principia:

Se do Tejo feliz na florea margem,  
á sombra verde dos frondosos loiros,  
prendendo as vagas, atrahindo as selvas,  
Francilia solta os canticos amaveis,

abatei, versos mens, o adejo vosso;  
esperae que Francilia algum momento  
em que tréguas lhe déem o Amor e as Musas,  
pense no vate, que em suspiros nutre  
á margem do Mondego a atroz saudade  
da lyra sua!.....

Dizei que aos patrios campos extorquido,  
qual arvore arrancada ao chão materno,  
n'estes ares não seus vegeta apenas,  
sem forças, sem vigor, o ledo vate;

que em vez das rosas, dos jasmins, das murtas,  
que em torno d'ella a primavera encantam.  
aqui medonho inverno os ares turva.

Aqui duros cuidados me rodeiam,  
e aos lares de Minerva as Musas fogem.

<sup>1</sup> Biographia anteposta á traducção da *Pluralidade dos mundos*, de Fontanelle, pela sr.<sup>a</sup> D. Francisca Possollo.

<sup>2</sup> Pag. 167.

<sup>3</sup> Este verso deve ser de Francilia, mas não o encontro no volume das suas poesias.

<sup>4</sup> Dil-o o sr. Silva Tullio no *Archivo Pittoresco*, tom. vii, pag. 283.

Francamente, essas lagrimas do imberbe sonhador, degradado, descomprehendido, fazem lembrar talvez as lagrimas amargas do sulmonense Ovidio desterrado.

mas nem pouco que seja nos commovem.

E entretanto, não era para pouca saudade o que elle acabava de deixar em Lisboa: nada menos que a convivencia de tantos talentos nos lares da poetisa lisbonense, no bairro inglez de Buenos-Ayres.

A casa da rua das Trinas, hoje n.º 128, que ainda é propriedade da sua familia, habitava-a, e habitou-a sempre até à morte de seu marido, a sr.ª D. Francisca Possollo.

Bons salões, cheios de todos os commodos de uma existencia elegante no melhor mundo; lindo e sombreado jardim, que no alinho e variedade revelava o bom gosto da sua intelligent possuidora; bom piano, bons livros, muita vez boa musica; um theatrinho muito completo, onde algumas recitas agradaveis se deram; e sobretudo optima e escolhida sociedade, presidida pelos mais hospitalarios dos amphitriões; eis o que attraia n'aquelle casa, e o que fez d'ella por seguidos annos o *rendez-vous* de toda a Lisboa inteligente e litteraria.

Além de varios membros da familia Possollo, ou affins, taes como o sr. conselheiro Lourenço Germack Possollo, chefe de divisão da armada, o sr. conselheiro Antonio Cândido de Faria, antigo diplomata, o sr. Frederico Hogan de Mendonça, descendente do conhecido e valente sargento-mór de batalha, João Hogan, inglez, que relevantes serviços prestou a Portugal em tempo d'el-rei D. João V, os srs. Quintellas, os srs. Larchers, etc., viam-se nas compaňhias de Francilia os homens de maior nomeada d'esse tempo. Citarei alguns:

o illustre general engenheiro Pedro Folque, que falleceu centenario;

o celebre Joaquim Antoniô de Aguiar, então em todo o vigor da mocidade, e oppositor em leis;

o eminent e bondoso Filipe Folque, ainda estudante de Coimbra, e que depois veiu a alliar-se com uma das sobrinhas de Francilia, e falleceu par do reino, general de divisão e conselheiro de estado;

o poeta Belchior Curvo Semmedo, um dos representantes da segunda geração arcadica;

outro poeta, o juvenil e elegante Almeida Garrett, cujo nome começava a aureolar-se da sua gloria, e que em 29 de setembro d'esse mesmo anno de 1821 vira representar no theatrinho do bairro alto, e perante um publico escolhido, a sua estreia dramatica, a liberal tragedia *Catão*; <sup>5</sup>

o erudit e amavel Anacreonte brasileiro, Domingos Borges de Barros, depois visconde da Pedra Branca, pae da actual sr.ª condessa de Barral, camareira-mór de S. M. a imperatriz do Brazil; <sup>6</sup>

o poeta dos apolologos, João Vicente Pimentel Maldonado, então deputado ás cõrtes pela provincia da Estremadura;

o engracadissimo Pinto de Massuellos, commensal dos mais ar-gutos engenhos da era;

a senhora marquezza de Alorna, ella, a profunda, a celebrada Alcippe com cuja amisade se honrou toda a vida o cantor das *Cartas d'Echo*;

o traductor de Virgilio, José Victorino Barreto Feyo, deputado pelo Alemtejo;

o poetico e vivissimo conde de Sabugal e Obidos, D. Manuel Mascarenhas, que lembrava um dos mais brilhantes senhores de Luiz XIV;

o almirante José Joaquim Lopes de Lima;

<sup>5</sup> Diz isto o sr. Silva Tullio no *Archivo Pittoresco*, tom. vii, pag. 382. O sr. dr. Paulo Midosi descreveu a representação e os seus preliminares n'uma serie de interessantes folhetins, intitulados: *Os ensaios de Catão*, no *Diário de Notícias* de outubro de 1878. É um bom esboço de quadro para este passo da vida do grande dramaturgo.

<sup>6</sup> A este ornamento das letras brasileiras dedicou o nosso poeta a sua versão dos Amores de Ovidio; e ha na *Grinalda Ovidiana* uma nota cujo assumpto é o distinco poeta do Brazil.

o bondoso e sabio José Maria Grande, que falleceu par do reino, e foi ornamento das sciencias naturaes;

alguns membros da familia Celestino Soares, taes como: o velho general Pedro Celestino; o auctor dos *Quadros navaes*, almirante Joaquim Pedro Celestino Soares, de quem lá para o diante hei de fallar muito; o erudit e sagaz Joaquim Antonio de Magalhães, então deputado pelo Minho, e depois ministro de estado; o general Chapuzet, governador de Cabo Verde; o sympathico major Zacharias de Araujo, que veiu a ser o Nestor da liberdade portugueza; a sr.ª D. Marianna Antonia Pimentel Maldonado, tambem poetisa como seu irmão, e de bons qualites; a sr.ª D. Thereza Xavier Botelho, da casa de S. Miguel, cujo distincto talento já era hereditario, e o continuou a ser; nas raras vezes em que vinha a Lisboa, o chamado Horacio portuguez, padre Leitão de Gouvêa, cuja memoria ficou tão querida para todos os que o trataram de perto; e finalmente alguns Castilhos, como Adriano, Albino, e o poeta assumpto d'este livro. Junto d'estes, que menciono de ouvida, quantos mais não iriam animar os séries semanais de Francilia, onde a conversação, as representações chistosas, a musica, a dança e os versos, não deixavam fisga por onde entrasse o minimo aborrecimento.

Ali vivia-se; sentia-se correr deliciosamente a vida entre mil occupações intelligentes. Aquella casa, com os seus salões tão hospedeiros, as suas duas renques de altas sacadas, tanta vez illuminadas com os clarões das festas intimas, aquella casa d'onde resumbrava calor litterario e artistico, tinha-se tornado um como temploso da arte.

Era então Francilia (segundo as tradições, e o seu retrato a oleo, que ainda lá pende de paredes suas) uma gentil dama, de estatura muito proporcionada e fina, tez branca, e nos olhos luminosos um *quid* que fascinava. Era muito bondosa e affavel; digna sacerdotisa do culto de Apollo (para fallarmos á maneira de então). Cultivara-se-lhe o espirito na convivencia das suas loiras primas, «as nove do monte Heliconio»; e conseguiu, já pela educação esmerada que recebera na illustre casa paterna, já pelo estudo nunca interrompido, um logar distinctissimo entre as senhoras mais cultas.

Se não haviam de entender-se aquelles grandes espiritos!: o d'ella e o do estudiante, já auctor do poema *Cartas de Echo e Narciso!* Relações foram a que só pôz ponto a morte d'ella.

A nobre personalidade d'esta escritora de raro talento, desenhau-a com mão de mestre o seu admirador Castilho; a fama publica celebrava em Francilia um dos brasões das letras patrias, e os principaes poetas a cantavam. É correr a colleção das obras da senhora marquezza de Alorna, por exemplo; lá vem a miudo o nome de Francilia engastado em epistolais, odes e sonetos; citarei apenas estes versos d'uma ode, imitação de Horacio, em que a illustre Alcippe, dirigindo-se á sua graciosa amiga, se expressa d'este modo:

Tu, qual Musa divina, é que regulas  
as doces consonancias,  
que da cythara minha colhe o estro;  
tu, que do cysne as vozes  
aos mudos peixes inspirar bem podes.  
De ti me vem a gloria  
de cantora immortal na lusa terra;  
por ti respiro e agrado;  
e se agrado, de ti tudo procede,  
a gloria te pertence.

Tal era a brillante Francilia entre a pleiade dos engenhos do tempo.

Seu marido, que servira na marinha de guerra, era o sr. João Baptista Angelo da Costa, caracter ameno, e que, não sendo poeta, possuia uma qualidade bem apreciavel nos que o não são: a de tolerar os cultores do bello. Ha logar para todos. Assim, sem contribuir litterariamente para os seus séries poeticos, animava-os elle e presidia-os com raro conhecimento e tacto do mundo.

Que deliciosa casa! e tudo isso já lá vai!... Engano-me. Se já lá vão os convivas, quasi todos, ainda aquellas paredes não desaprenderam a hospitalidade; ainda aquelle ar se inspira de versos; ainda ali se lèem e commentam os melhores livros; e apesar da sombra e da voluntaria reclusão da sua viuvez, a actual dona d'a-

quelle palacete outr'ora tão alegre, é, pelo sangue e pela alma, uma digna representante da sua predecessora<sup>7</sup>.

JULIO DE CASTILHO.

### QUESTÃO ROMANTICA

Depois da *Questão litteraria* que tão alvorocados traz os nossos numerosos assignantes e leitores, suppomos que o melhor que lhe podemos offerecer é uma *Questão romantica*. Figuram n'ella dois corações e tres espíritos, espíritos dos mais subidos quilates, sendo o terceiro o de um grande poeta festejadíssimo, a quem devemos a remessa da carta e dos versos que damos em seguida. Faz elle a pirraça ás leitoras de occultar o nome. Adivinhem-n'o, se são capazes, e respondam ao novo Paulo, na certeza de que publicaremos com o maior prazer as cartas e versos que a tal respeito nos forem endereçados.

*Cara amiga*

Ahi vão esses versitos. Escrevi-os para ser interprete d'um adolescente deveras apaixonado. Nem outra coisa podia ser: Eu, para Paulo, estou muito maduro, e as Virginias andam muito verdes!

Seu

Março, 11, 1881.

\* \* \*

### PAULO A VIRGINIA

Tu, doente, mal sabias,  
No torpor da enfermidade,  
Qual era a minha anciedade,  
Se o soubesses — tu morrias!

Na inconsciencia do delirio,  
A dôr para ti correu;  
Mas consciente passei eu  
Todo o meu longo martyrio!

Quando á beira do jazigo  
Vaccilaste tanta vez,  
Não estar eu a teus pés,  
Não morrer ali contigo!

Mas longe de ti, sem ter  
Mais que uma noticia vaga,  
E a tormenta vaga a vaga  
Na minh'alma a recrescer!

Nem via os astros de Deus  
Por esses espaços fôra;  
Mas accenderam-se agora  
Com a luz dos olhos teus!

Como não vim a cegar,  
Luz santa, luz adorada,  
Ao ver-te quasi apagada,  
E ao ver-te agora brilhar!

Tu, ao partires, emfim,  
Da terra — o céu entreviste;  
Mas, vendo o céu, preferiste  
Ficar na terra por mim!

Para que eu possa pagar  
Tal fineza, tal extremo,  
Revella-me, ó Deus supremo,  
Como tu sabes amar!

PAULO.

### CARTEIRA DE UM FANTASISTA

A C.

Agora, que eu te vejo  
De todos desprezada,  
Sosinha, abandonada,  
É que eu te estendo a mão!  
Agora, que essa turba  
Se ri, moteja, e passa,  
É que ao teu se abraça  
Meu pobre coração.

Que a mim tudo o que soffre,  
Ou seja verme, ou planta,  
Ou peccadora, ou santa,  
Me prende e me seduz;  
E nem sequer indago  
A origem d'esse pranto,  
Que o sofrimento é santo,  
E é redempção a cruz.

Tu tens orgulho, calca  
Aos pés a turba ignara,  
Que, de *virtude avara*,  
Sorri á tua dor!  
Olha-os bem, Tartufos  
Que nem sequer occultam  
Os vicios, que lhe avultam  
Na face sem pudor!

Que o ascoroso bando  
Um pranto só que seja  
Na face te não veja,  
Não leia em teu olhar!  
Invoca o teu orgulho,  
Encara-os socegada,  
Que á triste, á desgraçada,  
Deus sabe perdoar.

JOSÉ DE NAPOLES.

### RUMORES DOS PALCOS

Juizo critico do Porto ácerca da ESTRANGEIRA, de Dumas filho.

Com a representação da comedia em 5 actos de Alexandre Dumas, *A Estrangeira*, concluiu ante-hontem a série de tres unicas recitas, que veio dar ao Principe Real a companhia do theatro de D. Maria, que hontem mesmo retirou para a capital.

Pôde dizer-se que fechou com chave de ouro, porque das producções que se exhibiram foi a *Estrangeira* a que melhor aceitação logrou do publico, talvez pelo genero a que pertence, e que mais é do agrado das plateias. Desenvolvendo-se a acção n'um meio social da actualidade, apesar de algumas inverosimilhanças, a obra que ahí vimos reune numerosos requisitos para captivar o aplauso. O resultado da inconveniencia de um casamento desigual, na fortuna e na posição dos conjuges, tal é o assumpto que se explora, sem se apresentar a solução legal de similhante conjunctura, uma vez dada; é bem evidente que ha a intenção de apresentar uma das phases conjugaes que poderiam abordar a controvertida questão do divócio, que tanto tem agitado a sociedade franceza.

Corridas varias peripecias e diversos episodios, mais ou menos vistos já, o final não satisfaz á these melindrosa, nem corresponde á intensidade da acção que se desenvolvera, com notoria felicidade dramatica. Todo o incontestável merecimento da peça se condensa nos varios caracteres que a compõem e que estão magistralmente acabados, devendo especialisar-se o de Remonin, Antunes; o de

<sup>7</sup> Este capítulo foi escripto em outubro de 1876.

Clarkson, Joaquim de Almeida, um *yankee* da gema; o da duquesa de Septmonts, Virginia; o de Mauriceau, Pinto de Campos, um burguez admiravel de verdade; e o duque de Septmonts, Augusto Rosa; o de Gerard, João Rosa; o de Mistress Clarkson, Carolina Falco, pomposa vingadora de opprobrios recebidos, typo original; e outros.

Ha colloquios soberbos, como os de Remonin, o typo mais perfeitamente acabado, em varias situacões habilmente combinadas; o do americano Clarkson com o duque; e os da duqueza com Gerard e marido sobretudo. A exquisita creaçao da *Estrangeira*, mistress Clarkson, tem para nós a excentricidade dos productos da sua procedencia, a singularidade de tudo quanto é americano, importado para um meio social muito diferente. Virginia, ao vêr restituido á sua convivencia Gerard, o amigo da sua infancia, nos excellentes dialogos que com elle trava, é terna, sentimental, poetica; suspira a phrase, com uma incomparavel arte de dicção, e uma ingenuidade encantadora, n'aquele idyllo de amor innocent, sem pensar ou sem se importar de que, perante a legalidade existente, compromettia a sua posição de esposa legitima de outrem, que não amava e por quem não era amada.

Depois, quando reprobra as baixezas do marido dissoluto que a desposara, por mera especulação, foi digna e sympatheticamente severa, teve o rosto, o olhar illuminado pela indignação justa, e os labios vibraram-lhe admiravelmente as accusações do aristocrata oportunista. Não se pôde dizer melhor, com mais consciencia, nem com mais cabal conhecimento da arte. O publico victoriou-a estrondosamente, e no final do acto chamou-a repetidas vezes, bem como aos srs. João e Augusto Rosa, que se tornaram crôedores da consideração que se lhes tributou.

João Rosa, ainda que rouco, imprimiu á phrase todo o relevo e traduziu a primor a nobreza do excellente caracter de Gerard.

Pinto de Campos, admiravel de verdade, com a sua consciencia de artista; Joaquim de Almeida, um typo perfeito; e A. Antunes, como um dos melhores.

A sr.<sup>a</sup> Carolina Falco tirou todo o resultado que podia do seu papel ingrato; e a sr.<sup>a</sup> Emilia dos Anjos e Baptista cooperaram igualmente no desempenho correcto e harmonico que a peça teve.

O publico enthusiasmou-se com este conjunto feliz, que poucas vezes se vê, e não poupou intensos e estrondosos aplausos, nem repetidas chamadas aos interpretes, distintissimos cultores da arte scenica.

O theatro tinha uma multidão de espectadores muito superior á que, em boa lei, devia comportar, para não ficarem todos encommados; mas era a ultima representação irrevogavel, e os spectaculos de primeira ordem todos os querem vêr, embora tenham de soffrer peior accommodação.

A companhia retirou penhorada deveras, pela acceptação e estima que obteve no Porto.

\* \* \*

O actor Silva Pereira, que é esperado em Lisboa, foi extraordinariamente obsequiado no seu beneficio de despedida no Rio de Janeiro. Silva Pereira recebeu muitos brindes de valor e um sem numero de felicitacões. Representaram-se n'essa noite as comedias *O primo Bazilio*, *Peperlin* e *Trinta botões*.

\* \* \*

Gervasio Lobato concluiu uma comedia em 4 actos que destina ao theatro de D. Maria. Intitula-se *Sua Excellencia*.

\* \* \*

Moura Cabral escreveu uma comedia original com o titulo *A carta de conselho*.

\* \* \*

A insigne cantora Borghi Mamo está escripturada, como já dissemos, para fazer a proxima estação lyrica do theatro de D. Pedro II do Rio de Janeiro. A grande virtuose vae ganhar dez contos de

réis fracos por mez. Faz parte do seu reportorio *O Mephistopheles* de Boito.

\*

\* \* \*

Está em scena no theatro Lucinda do Rio de Janeiro a opereta em tres actos, *A torre em concurso*, original do escriptor brasileiro J. M. de Macedo, musica de Furtado Coelho.

\*  
\* \* \*

Subiu á scena no theatro Baquet, do Porto, o drama em 5 actos, traducção de Salvador Marques, *A tomada da Bastilha*.

\*  
\* \* \*

No dia 26 de fevereiro, 80.<sup>o</sup> anniversario do grande e universal poeta Victor Hugo, em que a capital da França deu ao mundo o spectaculo maravilhoso de uma nação celebrando a apotheose de um vivo, que pertence já á posteridade, embora pertença ainda ao presente pelo envolucro material, onde arde o mais levantado espirito que tem illuminado a terra, a *Gaieté de Paris* deu a *reprise* da *Lucrecia Borgia*, de Hugo. O papel de Lucrecia criado por mademoiselle Georges, que lhe imprimira traços indeleveis, foi desempenhado por mademoiselle Favart com mais arte do que naturalidade, segundo a opinião da critica franceza. O personagem de Genaro, que foi uma das glórias de Frederico Lemaitre, coube ao actor Volny e o de duque d'Este a Dumaine.

\*  
\* \* \*

No *Athenaeu Comico* de Paris representa-se actualmente com algum exito a comedia *Les noces d'argent*.

\*  
\* \* \*

Deve chegar brevemente a Lisboa a companhia de opera comica franceza que vem funcionar no theatro dos Recreios.

\*  
\* \* \*

Estão actualmente em scena nos theatros Sant'Anna e Phenix, do Rio de Janeiro, as nossas conhecidas operas comedias *Les Brigands* e *Madame Favart*.

\*  
\* \* \*

Obteve um grande exito no Rio de Janeiro uma comedia original do sr. dr. Ferreira de Araujo, redactor da *Gazeta de Notícias*. Intitula-se *O Primo Bazilio*.

## EXPEDIENTE

**Compram-se n'esta redacção, rua dos Fanqueiros 87, os n.<sup>os</sup> 1 e 3 das «Ribaltas».**

**Na quarta-feira publicaremos o n.<sup>º</sup> 15 com a resposta do sr. Camillo Castello Branco ao sr. A. da Conceição.**

# SEÇÃO DE ANNUNCIOS

## RIBALTAS E GAMBIARRAS REVISTA SEMANAL

Publica-se aos domingos e vende-se em todos os theatros

### PREÇOS

Lisboa	Cada numero .....	20 réis	Rio de Janeiro—Assignatura de 25 numeros...	25000 réis
	Assignatura de 25 numeros .....	500 "	Assigna-se em casa dos srs. Sousa Teixeira e Moraes Calabre — 93, Rua dos Ourives, 93.	
	Assigna-se na Livraria Zeferino — 87,			

Assina-se na Livraria Zeferino — 87, xeria e Moraes Calabre — 93, Rua dos Ourives, 93.

## LUVAS A' BON MARCHÉ

O CENTRO COMMERCIAL, expõe a melhor luva que se pode manipular em pelica russiana, francesa e nacional aromatizada com o mais distinto perfume oriental. Preço de luva com 4 botões para dama e com 2 para cavalheiro são 500 réis!!! Enviam pelo correio a troco de estampilhas e fazem grandes abatimentos para exportação.

### DEPOSITOS PRINCIPAES

LISBOA, Rua Aurea, 120 a 122 — PORTO, Praça de Carlos Alberto, 11 e 12.

Ha luvas para todos os preços no Centro Commercial.

## A MODA ILLUSTRADA

JORNAL DAS FAMILIAS

Contendo os ultimos figurinos das modas de Paris, explicações e desenhos de bordados, moldes de tamanho natural, trabalhos de agulha, romances, crónicas, bellas-artes, enigmas pittorescos, literatura, annuncios, etc.

É o unico jornal escrito em portuguez e que dá folha de moldes em todos os numeros

Preço da 1.ª edição (Com grav. color.)	Publica-se Nos dias 1 e 15 de cada mês	Preço da 2.ª edição (Sem grav. color.)
24 numeros, 24 moldes e 24 figurinos coloridos	Director-proprietário, David Corazzi	24 numeros e 24 moldes unicamente
Anno ..... 45000	ADMINISTRAÇÃO	Anno ..... 35000
Semestre. 25100	42, Rua da Atalaya, 1.º — Lisboa	Semestre. 15600
Trimestre. 15100	EMPRESA HORAS ROMANTICAS	Trimestre. 5500
Avulso ... 5200		Avulso ... 5160

## DICCIONARIO UNIVERSAL PORTUGUEZ

POR

## FRANCISCO DE ALMEIDA

ESTÁ PUBLICADO O 19.º FASCICULO

PREÇO 400 RÉIS

Assigna-se na administração e empreza

Antiga livraria Zeferino

87, RUA DOS FANQUEIROS — LISBOA

## MUSICAS

PARA PIANO E PARA PIANO E CANTO

OPERAS COMPLETAS DOS MELHORES AUCTORES

À 300 RÉIS

EDIÇÕES NITIDAS E CORRECTISSIMAS

LIVRARIA ZEFERINO — Rua dos Fanqueiros, 87

P. J. A. CAMBOURNAC

## OFFICINA A VAPOR DE TINTURARIA

14 E 16 LARGO DA ANNUNCIADA

420, Rua de S. Bento

LISBOA

## RIBALTAS E GAMBIARRAS REVISTA SEMANAL

ACEITAM-SE ANNUNCIOS

### Na Livraria ZEFERINO

87, Rua dos Fanqueiros — Lisboa

CADA ESPAÇO 400 RÉIS

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao proprietario-gerente Henrique Zeferino.

## PRESENTES

É bem conhecido o bom gosto dos objectos que expõe o CENTRO COMMERCIAL. Ali se vê o que ha de melhor em Paris, proprio para offerecer á mais aristocratica dama ou ao mais distinco cavalheiro. SEMPRE NOVIDADE À BON MARCHÉ. Luvas e regalos.

LISBOA — Rua Aurea, 120 a 122.

PORTO — Praça de Carlos Alberto, 11 e 12.

## SURPREZA!

ÀS PESSOAS QUE COMPRAREM MACHINAS DE COSER ATÉ AO FIM DO MEZ DE MARÇO NA EXPOSIÇÃO DE MACHINAS DE COSER E CASA DE COMMISSÕES

DE Antonio Ignacio da Fonseca & C.º

Praça de D. Pedro, 15 — Largo da rua do Principe, 5 a 10 (Frente à rua Nova do Carmo)

LISBOA

Vinde examinar e ficareis convencidos que são estas as unicas machinas de coser que não arruinam a saude ás pessoas que com elles trabalham, pois uma criança de CINCO ANNOS as faz mover sem o minimo esforço.

Não vos illusid com os preços baratos que por ahí se offerecem porque são apenas bocados de ferro simplesmente preparados para a illusão do publico, ao passo que todas as nossas machinas são construidas de bom aço e magnificamente temperadas; e por isso a sua deterioração é

### IMPOSSIVEL

Todas as machinas se vendem a pequenissimas prestações e com grandes vantagens aos compradores de prompto pagamento.

Garantia sem igual, torcões, algodões e agulhas para todas as machinas e certam-se todos os sistemas.

Praça de D. Pedro, 15 — Largo da Rua do Principe, 5 a 10

(FRENTE DA RUA NOVA DO CARMO)

Lisboa

ANTONIO IGNACIO DA FONSECA & C.º

## HISTORIA DE UM GATO PRETO

9.º SONETO

Carta do derriço:

Amelia, co'estes olhos cheios d'agua,  
Souve pelo Diario de Notícias  
Que o gatinho, a que davas mil caricias,  
Te deu cabo das joias. Grande Magua

Para este peito, onde d'amor a fragua  
Arde mais do que em peitos de policias!...  
A dôr que então senti, capaz de et'ricias,  
Gravada n'alma fundamente trago-a!

Mas não te rales; eu me comprometto  
A indemnizar-te do fatal revez  
De que foi causador o gato preto.

Acelta um beijo por mais esta vez;  
E domingo, à saida do Loreto,  
Vamos à RUA AUREA, 103.

(Para a semana falla \* \* \*)